10º interprogramas de mestrado
FACULDADE CÁSPER LÍBERO

BOM RETIRO, LUGAR DO DEVIR

Edson Viggiani Jr.[1]

Resumo:
Este projeto de Mestrado tem por objeto identificar e compreender as difusas fronteiras entre as distintas etnias e nacionalidades presentes no bairro do Bom Retiro, zona central de São Paulo. Trata-se de uma abordagem multidisciplinar conjuntamente com a fotografia enquanto método de pesquisa e meio de informação e expressão. O bairro é uma porta de entrada das mais diferentes origens e o mais cosmopolita de São Paulo.

Palavras-chave: Fotografia. Imigração. Fronteira. Cultura. Etnia.

Introdução

O bairro do Bom Retiro, em São Paulo, do final do século XIX e ao longo do século XX foi composto por imigrantes italianos, portugueses e espanhóis, depois vieram judeus de diferentes lugares, gregos e em seguida coreanos e sul-americanos; especialmente os bolivianos, paraguaios e peruanos, além de cipriotas, armênios e migrantes nordestinos, entre outras origens e nacionalidades. O Bom Retiro do século XXI tornou- se um bairro com intensa atividade econômica, comércio de roupas, pequenas fábricas e serviços, espaço de moradia, trabalho, e continua sendo uma porta de entrada do Brasil para as mais diferentes etnias e nacionalidades.

O bairro localizado na zona central de São Paulo abriga diferentes etnias convivendo num pequeno espaço da região central da cidade. A composição histórica e social do bairro o torna singular no Brasil. Mesmo em São Paulo, é difícil encontrarmos um bairro com tanta diversidade étnica, e todas interagindo e, ao mesmo tempo tentando reiterar suas diferenças. Por outro lado não encontramos uma "pequena Itália", ou "cidade dos coreanos", nem

[1] Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciência da Comunicação na ECA-USP.

tampouco uma fechada área de judeus tradicionais. Todos estão próximos geograficamente. As fronteiras são mais fluídas e difusas, para apontá-las é necessário olhar mais de perto.

O Bom Retiro é um bairro com pouco mais de 60 ruas, limitado pelos rios Tietê e Tamanduateí e a linha do trem. A origem do nome é de uma antiga chácara à beira do rio de uma família rica no século XIX. Até então, o lugar pertencia a poucas famílias abastadas da cidade. A proximidade com o centro facilitou a instalação de pequenas indústrias de olaria e posteriormente cervejaria e indústria têxtil substituindo as chácaras. O Bom Retiro se tornou um bairro com intensa atividade econômica e moradia da classe trabalhadora. O comércio também foi desenvolvido principalmente por judeus de diferentes origens, além de sírios, libaneses e gregos, colaborando para a concentração de um número grande de diferentes etnias e nacionalidades. Imigrantes, trabalhadores, comerciantes e pequenos empreendedores cruzaram suas histórias de vida nas ruas desse bairro ao mesmo tempo fabril, operário, comercial e residencial. Cada grupo ou etnia busca manter seus laços afetivos e memória das origens produzindo um discurso e narrativa particular. Novos códigos, verbais e não verbais, são estabelecidos a partir destas circunstâncias históricas específicas.

Desde o século XIX o bairro é porta de entrada dos mais diferentes imigrantes, migrantes, trabalhadores em geral e pequenos capitalistas e empreendedores. O movimento global foi decisivo na formação do bairro e ainda segue esta tendência. A história do Bom Retiro se desenvolve pelo movimento de fora para dentro e de dentro para fora, em transformação constante. A ressonância de acontecimentos internacionais, como a Primeira e Segunda Guerra, a guerra da Coreia, a guerra civil na Grécia, o êxodo dos sul-americanos e, ainda, as migrações nordestinas, são sentidas nas ruas do bairro. O Bom Retiro é um bairro que reiteradamente é cosmopolita.

No início do século XX, era comum no bairro ouvir uma conversa falada num italiano abrasileirado, ou a circulação de um impresso em italiano ou espanhol. No século XXI ouvimos coreano, guarani, aimará, espanhol, português e iídiche, entre outras línguas. Os letreiros das lojas e até mesmo placas indicativas de eventos são escritos em diversas grafias.

A televisão de um estabelecimento comercial pode estar ligada num programa da Coreia e o culto religioso ser celebrado em grego. Nem sempre o cardápio do restaurante, a fachada da creche, a academia de ginástica têm alguma referência em português.

Esta é a principal proposta da pesquisa; tentar identificar porque o lugar se renova continuamente como um bairro agregador de etnias e classes sociais distintas e como as relações se definem na dinâmica desta complexa trama social urbana. A pesquisa pretende analisar as condições específicas de como por mais de um século o Bom Retiro continua sendo uma importante porta de entrada no Brasil e atentar para a criação dos novos códigos entre os diferentes grupos. É interessante notar para a pesquisa como cada grupo vê o bairro e se vê no bairro em relação aos outros. Tentar perceber no desenvolvimento da pesquisa as identidades e alteridades, os distintos pedaços e as fronteiras veladas.

A observação mais próxima dos clubes exclusivos, escolas voltadas para determinado grupo e cerimônias festivas e religiosas pode revelar comportamentos sociais de busca de integração ou, ao contrário, afirmação da cultura original. A fotografia etnográfica é um caminho interessante para se aprofundar numa realidade tão complexa como é a vida no bairro do Bom Retiro. O ensaio intenciona refletir esta nova identidade da diversidade que se realiza no Bom Retiro neste atual momento histórico. Um denominador comum entre os grupos é o trabalho, como observa o historiador Roney Cytrynowicz. E este denominador comum agrega as mais diferentes classes sociais possíveis num universo urbano capitalista desenvolvido. Inúmeros atores sociais e instituições disputam espaço. Do novo empresário ao catador de papel. A harmonia é aparente.

Estúdio fotográfico na Rua dos Italianos

O espaço

Área comercial na Rua José Paulino

Nasci no bairro do Bom Retiro, na Rua Adoração, em 1958 e lá passei a primeira infância. A minha família se instalou no bairro em 1888, vinda do sul da Itália. O olhar de criança era a ocupação da rua e a lembrança de amigos de diferentes origens; a vizinhança propiciava o convívio com a diferença. As casas coladas e as inúmeras ruas sem saída facilitavam a diplomacia infantil através dos rituais das brincadeiras. As crianças expressavam a inquietude das tensões e contradições, mas também a chance de um convívio lúdico e de múltiplas relações. O legado da experiência da infância se cristalizou no olhar do autor adulto em busca do retrato contemporâneo da diversidade. Olhar o outro é pressuposto do trabalho etnográfico e deve ser também do fotógrafo. Olhar é uma troca.

O Bom Retiro, zona central de São Paulo, é o bairro da utopia, do devir, da busca de um mundo melhor por gente das mais diferentes origens e nacionalidades. Lugar de realização e de fábula e em ressonância com o movimento global. Olhar para uma realidade complexa como é a do bairro do Bom Retiro é saber que estará criando apenas uma visão das múltiplas possíveis. A fotografia é uma representação da realidade e na definição de Boris Kossoy em, *Realidades e ficções na trama fotográfica*, (2002, p. 22) "a fotografia é uma segunda realidade"; produz uma realidade fragmentária, um novo documento tecido pelo filtro cultural e sensibilidade por quem faz; o autor deve ter isso claro, ele apresenta um olhar e este será trocado, relacionado, consumido e entrará em confluência com outros olhares. Nasci no bairro e o meu olhar, provavelmente, é costurado pela minha memória afetiva da primeira infância. O olhar produz documentos históricos e depois pode ser objeto de inúmeras leituras da imagem realizada.

O Colégio Polilogos, na Rua Solon, Bom Retiro, é a única escola no Brasil a receber um certificado do Ministério da Educação da Coreia pelo currículo escolar estar de acordo com as normas pedagógicas coreanas. Chi-Hyung Lee é o Diretor-administrador da escola. Coreano, 51 anos, está no Brasil desde 1989 e ele reinventou o português para se adaptar às necessidades sociais. Numa conversa mediada por Jung Yun Chi, mestranda da FAU / USP, ele mostrou o seu álbum de família depois de ter visto a minha câmera analógica e algumas

fotografias em preto e branco. O arquivo de Lee tem história, o pai dele foi fotógrafo amador. São imagens, provavelmente, desde a década de 1920. Imagens a partir de negativo de vidro até as fotos coloridas da década de 1970, 1980 e 1990. Depois desse período, com a fotografia digital, não há mais nenhuma fotografia nos álbuns, apenas no computador.

Cada uma daquelas imagens é rica em detalhes, lembranças que compõem a narrativa da história de gerações. Os álbuns de Lee expressam a trajetória de um processo migratório. Lee contou sobre a sua última viagem para a Coreia e como se sentiu deslocado da sua origem. Não é mais visto pelos coreanos na Coreia como um "autêntico" coreano. E tampouco se sente tão coreano como os coreanos da Coreia. É como se vivesse numa fronteira difusa, algo sem classificação definida, categoria de um não lugar ou uma categoria a ser criada. E ele ficou feliz e à vontade ao mostrar os álbuns. Considerou que eu seria capaz de entender a importância daquelas fotografias pelo fato de eu ainda fotografar com filme. Uma antiga fotografia tinha um risco atravessando toda a imagem. Era um negativo de vidro que certamente caiu e trincou antes da ampliação fotográfica. As marcas nas imagens ajudam a contar a história, elas fazem parte da história. Em outra fotografia, uma cena de casamento com a bandeira japonesa ao fundo. Os álbuns, em geral, são feitos com imagens felizes, neste caso a memória visual de uma cerimônia matrimonial carrega a sombra da ocupação japonesa na Coreia na primeira metade do século XX.

O interior das pessoas que vivem em situação de trânsito territorial é um conflito íntimo contínuo. Enfrentam conflitos familiares e depois sociais na mesma comunidade e logo mais adiante os conflitos sociais fora da comunidade. Não é uma tarefa simples ser brasileiro sem sê-lo. O nacionalismo vem na bagagem. O jovem experimenta os conflitos de forma distinta. A escola o coloca diante de outra realidade. No mês de julho não há aula no Colégio Polilogos, mas algumas atividades são realizadas com crianças. Algumas delas jogavam handebol com professor brasileiro e vários de seus nomes eram de brasileiros, até nome bíblico havia. Além das crianças com ascendência coreana e mestiças de casamentos inter-

étnicos, há um boliviano na escola. A história é construída no cotidiano através de uma sofisticada trama social e cultural.

Catador de papel e pichação em banca de jornal na Rua José Paulino

O tempo

Pai e filho de ascendência coreana esperando van escolar na Rua Correia de Melo

Uma perspectiva sobre um dos fatores que possibilitam a osmose cultural que se opera no bairro do Bom Retiro é que todos, ou quase todos, estão na terra prometida, no lugar do devir, o canto do mundo escolhido para morar, fazer negócios, trabalhar, constituir família, ir ao culto, beber com os amigos e viver. Mas não é possível não reconhecer a sensação de trânsito territorial nos diferentes grupos ali presentes. A luta pela sobrevivência expressa um sistema de comunicação sofisticado para dar conta das relações culturais. Os atores sociais presentes criam novas e inúmeras narrativas no dia a dia e cada um tem um olhar sobre o outro.

O bairro do Bom Retiro recebe há mais de um século gente de vários cantos do mundo. Nem todos são imigrantes, alguns podem ser considerados refugiados. Muitas das pessoas que ali escolheram para viver passaram por conflito armado, fome, tragédias familiares e crise econômica e social. É comum o fato de uma pessoa exercer uma atividade não condizente com a sua formação. A experiência de vida e o desejo de um futuro digno para os descendentes destas pessoas enriqueceram o universo social brasileiro. Sair de seu lugar, da sua raiz e sem chance de olhar para trás. Os moradores do bairro, em geral, são pessoas deslocadas do seu espaço. O Bom Retiro poderia ser visto como uma passagem, e é em vários casos, mas é comum uma ligação afetiva com o lugar, mesmo para aquelas que não moram mais lá. As comunidades de imigrantes e refugiados marcaram presença no bairro e fizeram História no Brasil. Olhar o bairro do Bom Retiro requer sutileza no procedimento.

Cremilda Medina, jornalista e escritora, professora e doutora da ECA/USP, no livro *Atravessagem: Reflexos e reflexões na memória de repórter*, Summus Editorial, (2014, p. 77) dá uma dica para quem se aventura na arte da reportagem: "Por outro lado, quando o jornalista se aproxima curioso do outro sujeito, permeável à incerteza, se flagra desarmado de ferramentas para extrair declarações predeterminadas. Não sabe, ensaia compreender. Sujeito e sujeito (não, objeto) deparam em iguais condições, desfaz-se a hierarquia entre a pergunta e a resposta. Inicia-se um processo de troca confiante em que ambos se alteram". Ao fotógrafo é impositiva a proximidade, chegar perto supõe a relação sujeito e sujeito.

O Brasil é mestiço, sim. Isso não quer dizer que não tenha conflito. Há uma aparência de democracia racial. O bairro do Bom Retiro é um ótimo laboratório deste momento histórico de questionamentos dos velhos paradigmas sobre nacionalismo e identidades culturais. Fronteiras reais e simbólicas operam no bairro e tangenciam a transformação nos conceitos de Nação. A harmonia é apenas aparente. O Estado se mostra incapaz de dar conta desta nova realidade; muitas pessoas se movem a despeito do desempenho do poder público e a cidadania se desenvolve estratificada socialmente.

Sul-americanos jogando futebol na Rua Anhaia

A trama

Pequeno comércio na Rua Anhaia

O Bom Retiro é um lugar de encontro de grandes personagens anônimos; são imigrantes, refugiados e viajantes com histórias a ponto de sair pela garganta. Todos em luta na construção da sua própria narrativa. As identidades transcendem fronteiras e a nação está mais perto do coração e do afeto que do território. O judeu criado no Bom Retiro carrega toda a história de luta do povo judaico em confluência com o samba, a feijoada, o futebol, o jogo do bicho, os passeios pelo Jardim da Luz, o restaurante coreano, o pastel da feira, a mulata, os antigos italianos da parte baixa do bairro e os bolivianos. Certamente é diferente do judeu nova-iorquino ou de qualquer outro lugar do planeta. A identidade está em trânsito.

A osmose cultural é presente nas distintas classes sociais presentes no Bom Retiro. Novas identidades surgem trançadas pela diversidade. Olhar para o bairro apenas pela perspectiva da luta de classes pode ocultar a riqueza de relações que estão ocorrendo. E não é o caso de desconsiderar a evidente tensão que há por conta da desigualdade social, mas ignorar as nuances do tecido social vela o registro do cotidiano e das diversas narrativas construídas no dia a dia.

Na Rua Afonso Pena, Bom Retiro, no Centro de Acolhida João Paulo II, aos domingos, bolivianos, paraguaios e peruanos realizam um campeonato de futebol de salão. Jorge Gutierrez, boliviano, ex-jogador profissional na Bolívia, é o principal organizador deste campeonato. Ele foi obrigado a abandonar o futebol por problemas de contusão na década de 1980; a sua trajetória pode ser índice da luta dos povos da periferia do capitalismo e das novas questões internacionais em debate. Colabora com um site voltado para a comunidade latina. É obrigado a transitar num amplo espectro. Driblador habilidoso, hoje é agente de saúde na UBS do bairro. Sobrevive pelejando. Na Unidade Básica de Saúde do Bom Retiro é fundamental a presença de alguém que entenda a população sul-americana. Ao mesmo tempo luta para manter identidades culturais de origem, expressando a sua resistência diante da opressão econômica.

O futebol é um veículo. A celebração religiosa seja na igreja ou improvisada num estacionamento, o boteco do pedaço, a escola municipal e estadual, o centro cultural, o posto

de saúde e a quadra de futebol são conquistas básicas, mas são históricas. Os conflitos estão na ordem da vida pública e privada e nem sempre estão na superfície. A fotografia não pode ter a pretensão de definir uma realidade. Mas pode fazer parte da construção de narrativas. Sylvia Caiuby Novaes, antropóloga da USP com o artigo, Imagem e Memória, no livro *8 x Fotografia*, Companhia das Letras, (2008, p. 114), indica um caminho: "O que a fotografia revela é a possibilidade de fazer disparar na análise antropológica os aspectos mais emocionais, subjetivos e sensíveis que a pura etnografia não consegue."

Ser dono da sua história é um passo em direção à cidadania. A fotografia está umbilicalmente ligada à memória, carregada de afeto e sugere um sentir de pertencimento. O livre olhar é também liberar o olhar do outro, deixar em aberto inúmeras possibilidades para quem vê a imagem. No bairro do Bom Retiro o conflito é visível, é um primeiro olhar, o afeto se faz presente e é preciso ir em busca. Chegar perto levando em conta cada singularidade tem sido o melhor caminho.

Cerimônia religiosa na Igreja Ortodoxa Grega na Rua Matarazzo

Oficina mecânica na Rua Guarani

Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas.** Companhia das Letras: São Paulo, 2008.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Editora Nova Fronteira, 1980.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Editora Brasiliense. 1996.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular; história e imagem**. EDUSC. 2001.

CALDEIRA, Teresa P. Segregação urbana, enclaves fortificados e espaço público, In_____ *Cidade de muros: crime, segregação, cidadania em São Paulo*. Editora 34 / EDUSP, 2000.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Editora Contexto, São Paulo, 2012.

COLLIER JR, John. **Antropologia Visual; a fotografia como método de pesquisa**. EDUSP: São Paulo, 1973.

DYER, Geoff. **O Instante Contínuo, uma história particular da fotografia**. Companhia das Letras: São Paulo, 2008.

DUBOIS, Philippe. **O Acto Fotográfico**. Editora Vega: Lisboa, 1992

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2000.

FAUSTO, Boris. **Negócios e ócios: histórias da imigração.** Companhia das Letras: São Paulo, 1997.

FRANK, Robert. **The Americans**. Aperture, 1959.

FREUND, Gisèle. **Fotografia e Sociedade**. Editora Comunicação e Linguagens: Lisboa, 1995.

FREUND, Gisèle. **La Fotografia como Documento Social.** Editorial Gustavo Gili: Barcelona, 1976.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica***:* Ateliê Editorial, 2002

KOSSOY, Boris**. Fotografia e História**. Ateliê Editorial, 2012.

KOUDELKA, Josef. **Gypses**. Aperture, 1975.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana, In_____ **Revista de Brasileira de Ciências Sociais**, v.17, n 49, 2002.

MARTINS, José de Souza. **A Sociologia da Fotografia e da Imagem**. Editora Contexto, 2009.

MATO, Daniel. Heterogeneidade social e institucional e comunicação intercultural, In _____ **MATRIZes**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, Ano 6, n. 1, jul.-dez. 2012.

MERTON, Robert K. **Sociologia, Teoria e Estrutura**. São Paulo: Mestre Jou. 1970.

MEDINA, Cremilda. **Atravessagem: Reflexos e reflexões na memória de repórter**. Summus Editorial: São Paulo, 2014.
NOVAES, Sylvia Caiuby. Imagem e Memória, In_____ **8 x Fotografia**, Companhia das Letras: São Paulo, 2008.

PAIVA, Raquel. Novas formas de comunitarismo no cenário da visibilidade total; a comunidade do afeto, In _____ **MATRIZes***:* Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, Ano 6, n. 1, jul.-dez. 2012.

PÓVOA, Carlos Alberto. **A Territorialização dos judeus na cidade de São Paulo: a migração do Bom Retiro ao Morumbi**. FAPESP: São Paulo, 2010.

ROUILLÉ, André. **A fotografia entre documento e arte contemporânea**. Editora SENAC: São Paulo, 2009.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Editora Record: Rio de Janeiro, 2006.